

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
21 e 23 de Novembro de 2023
O EGITO DE YOUSSEF CHAHINE

AWDAT AL IBN AL DAL / 1976 “O Regresso do Filho Pródigo”

Um filme de Youssef Chahine

Argumento: Youssef Chahine, Salah Jahine, Farouk Beloufa; diálogos de Salah Jahine / *Diretor de fotografia* (35 mm, Eastmancolor, formato 1x85): Abdelaziz Fahmy / *Cenários e figurinos:* não identificados / *Música:* Hasan Abouzeid: letras das canções: Salah Jahine / *Montagem:* Rachida Abdel Salam / *Som:* Kamel Mekesseur / *Interpretação:* Ahmed Merez (*Ali*), Mahmoud el-Meligui (*Madbouli*), Magda el-Roumy (*Tafida*), Choukry Sarhan (*Tolba*), Scheir el-Morshidy (*Fatma*), Hesham Selim (*Ibrahim Madbouli*), Hoda Soltan, Ahmed Bedair, Ragaa Hussein e outros.

Produção: Misr International (Cairo) e O.N.C.I.C (Argel) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e eletrónicas em português / *Duração:* 124 minutos / *Estreia mundial:* Cairo, Setembro de 1976 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO: devido à chegada tardia da cópia não foi possível elaborar a “folha” de sala. Em substituição propomos trechos do capítulo sobre o filme em *Youssef Chahine*, de Ibrahim Fawal, publicado pelo British Film Institute (2001).

O período central da carreira de Youssef Chahine estende-se de 1970 a 1981. Em 1970, Gamal Abdel-Nasser morreu subitamente e a sua morte foi lamentada por milhões de cidadãos árabes. Mal Anouar el Sadate sucedeu-o na presidência da república começou a abolir grande parte da política do seu predecessor. A “revolução corretiva” de Sadate substituiu o socialismo pelo capitalismo, retirou o Egito da esfera de influência soviética e alinou-o com os Estados Unidos. Depois de cruzar o Canal de Suez e conseguir uma vitória parcial sobre Israel na guerra de Outubro de 1973, Sadate sentiu-se suficientemente seguro para lançar a política da *infitah* (abertura), que resultou no aumento de relações económicas com o Ocidente, sobretudo no que refere os investimentos ocidentais. (...) Uma nova classe de milionários não tardou a surgir e o abismo entre ricos e pobres voltou a aumentar. Num dos seus filmes mais sombrios, “**O Regresso do Filho Pródigo**”, Chahine abordou o desequilíbrio económico que resultou desta política. (...) Foi a sua preocupação com a deterioração económica e o crescimento da corrupção à sua volta que levou-o a realizar este filme que ele definiu como uma “*tragédia musical*”. Foi o seu vigésimo-quinto filme. Como um barómetro do mundo árabe, não apenas do Egito, o filme anuncia a inevitabilidade de um trágico extermínio mútuo, prevendo a guerra civil no Líbano. (...)

Chahine já tinha realizado dois filmes (*Al Ikhtiar/ “A Escolha”*, de 1970 e *Al Asfour/ “O Pardoal”*, de 1973) em que aborda, de modo direto ou indireto, a Guerra dos Seis Dias e volta a este tema em “**O Regresso do Filho Pródigo**”. (...) A preocupação com este tema histórico é compreensível, pois tratou-se de uma derrota que não pode ser comparada a nenhuma outra. (...) Chahine foi um daqueles que ficou ferido para sempre por este acontecimento. Uma das canções do filme põe o dedo na ferida, dirigindo-se ao falecido Nasser: “*A promessa foi sua; o sonho foi nosso*”. A quebra desta enorme promessa e a destruição deste belo sonho estão no âmago de “**O Regresso do Filho Pródigo**”. (...)

Quando as bombas explodem, as famílias implodem. É o que mostra Chahine em “**O Regresso do Filho Pródigo**”. A família retratada no filme é um microcosmo de um Egito em deterioração. A família Madbouli domina a comunidade onde vive: é proprietária da quinta, da fábrica e do cinema. Quase todos os habitantes da aldeia trabalham para ela. A família é

composta por um avô, que administra a quinta; uma avó que se mete na vida de todos; um filho chamado Tulba, que dirige a fábrica como um déspota; um filho mais novo, Ali, que passou doze anos na cadeia, de onde saiu bastante alterado; uma prima, Fatma, que esperou por Ali, na esperança de casar-se com ele e um neto, Ibrahim, que quer estudar ciência espacial numa universidade no estrangeiro e está apaixonado por Tafida, filha de um dos operários da fábrica. Juntos, representam um Egito disfuncional. (...)

Partindo do princípio de que **“O Regresso do Filho Pródigo”** é um filme rico em alusões e passível de diversas interpretações, Ali Abu Chadi sugere que Tulba pode ser visto como um amargurado Gamal Abdel Nasser. A comparação é inevitável e Chadi cita muitas semelhanças entre os dois: a formação militar, o desinteresse pelas fábricas, o amor pelos westerns e o modo tirânico de dirigir os outros. (...) Mas Tulba não é realmente Nasser. Falta-lhe uma característica fundamental, que talvez tenha sido a fonte principal da força política de Nasser: o seu carisma era tamanho (...) que ele parecia hipnotizar as pessoas, o que fazia com que fosse adorado. Tulba é profundamente antipático. Seria mais acertado dizer que Tulba e Ali representam os dois lados de Nasser, antes e depois da esmagadora derrota. Juntos talvez se assemelhem mais a quem ele realmente era. Ali é idealista, bem apessoado e patriota – como Nasser no seu apogeu. Ali passou doze anos na cadeia, de onde saiu modificado. Não será por acaso que o período que vai de 1956 (quando Nasser emergiu triunfante da Guerra de Suez) e 1967 (o ano em que perdeu o prestígio depois da Guerra dos Seis Dias) cobre um período semelhante – de onze anos. Nestes onze ou doze anos Nasser perdeu a direção. Ali confessa à sua mãe: *“Eu não buscava a glória. Buscava a mim mesmo. Encontrei-me e perdi-me”*. (...)

Não se pode analisar **“O Regresso do Filho Pródigo”**, que Abu Chadi define como *“uma sátira à revolução nasserista e uma oração fúnebre da esquerda”*, sem mencionar as suas canções. À época, os espectadores ficaram desconcertados pela inclusão de canções num drama tão sério. Muitos críticos acusam Chahine de misturar os géneros por oportunismo comercial. Mas a verdade é que uma canção num filme de Chahine é raramente um elemento gratuito: faz parte integral do seu tecido. **“O Regresso do Filho Pródigo”** seria muito menos rico sem as letras de Salah Jenine, musicadas de modo eletrizante e esplendidamente interpretadas. Estas canções aumentam o sentido e a força da saga de uma nação à beira da calamidade. *A Rua é Nossa* agudiza a divisão sobre o poder no Egito, pois tanto o governo quanto os jovens apropriam-se das ruas; *A promessa era sua; o sonho era nosso* resume o laço que existira entre Nasser e a população; *O que passou, passou e muito pouco ficou* ecoa o sentimento das massas inconsoláveis. (...)

Para um espectador árabe o desenlace sangrento parece inevitável. A horrenda situação e a ação que se desenvolve só podem apontar numa direção: o desastre. Para um não árabe, o desenlace pode parecer uma concessão por parte de Chahine e, no entanto, concluir o filme de outra maneira teria sido insatisfatório. (...) O palhaço que surge no filme não mitiga o negrume da sua realidade. (...) O palhaço ou bobo da corte que é mais sábio do que os sábios é um velho arquétipo da literatura universal. (...) O significado bíblico do título torna-se mais claro. Trata-se de uma compressão da história do filho pródigo com a de Caim e Abel. A criança que acompanha o palhaço herdará os pecados dos seus ancestrais e sofrerá sem saber por quê. O facto de que uma metáfora possa admitir tantas interpretações enriquece **“O Regresso do Filho Pródigo”**.

Ibrahim Fawal